

# Ferramentas Participativas em Projetos para a Educação de Infância

Experiências, metodologias e práticas de escuta e criação com crianças dos 3 aos 5 anos



Dhemy Brito, Fernanda Magalhães, Carlos Campos,  
José Gabriel Andrade e Maria do Carmo Ribeiro

Universidade do Minho  
2025









# Apresentação

Este livro apresenta ferramentas participativas que possibilitam a escuta, a expressão e a criação de significados pelas crianças dos 3 aos 5 anos em projetos educativos.

Inspirado na experiência do Património Vivo para a Infância, desenvolvido no Teatro Romano de Braga, reúne três ferramentas complementares — o Ludic-Epistemic Threshold (LET), os Desenhos-Convertidos e o Photovoice — articulando fundamentos teóricos, exemplos reais de aplicação, registos e orientações práticas.

Mais do que um guia de atividades, este livro propõe um modo de pensar e de fazer com crianças, reconhecendo-as como protagonistas de culturas, saberes e futuros, e assumindo a participação infantil como um direito, uma oportunidade de aprendizagem e uma forma de produzir conhecimento sobre o mundo.

Destina-se a educadores, estudantes e profissionais da Educação de Infância, bem como a todos os que desejam conceber projetos educativos mais abertos, inclusivos e comprometidos com a escuta, a imaginação e a criatividade das crianças.





# Porquê utilizar ferramentas participativas?

As ferramentas participativas constituem formas de escuta e de diálogo com as crianças, reconhecendo-as como sujeitos de direitos e produtoras de conhecimentos, e não apenas como destinatárias das propostas dos adultos.

A Sociologia da Infância tem demonstrado que as crianças são atores sociais competentes, capazes de interpretar, significar e transformar os contextos em que vivem (James & Prout, 1997; Qvortrup, 2010; Corsaro, 2005). Esta perspetiva convida a olhar para as crianças como participantes ativos na vida social, com culturas próprias, que constroem sentidos a partir das suas experiências e relações.

Na Pedagogia da Infância, a participação é compreendida como um princípio ético, pedagógico e político, que implica criar condições para que as crianças possam expressar as suas perspetivas e influenciar as decisões que lhes dizem respeito (Oliveira-Formosinho & Formosinho, 2013). Escutar as crianças significa reconhecer a sua voz, valorizar as suas múltiplas de vida com assumir a infância como em si mesma.



"As crianças não são apenas o futuro; são também o presente. Têm capacidade para agir, para participar e para contribuir para o mundo que partilhamos."

## Contributos das ferramentas participativas na Educação de Infância

- Reconhecem as crianças como agentes sociais e produtoras de significados.
- Valorizam as múltiplas linguagens da infância.
- Aproximam o currículo das experiências, interesses e culturas das crianças.
- Fomentam a escuta, o diálogo e a reflexividade pedagógica.
- Promovem projetos educativos mais inclusivos e democráticos.
- Contribuem para práticas mais justas e comprometidas com os direitos das crianças.



# Três caminhos para a polifonia e a participação infantil

Neste livro, apresentamos três ferramentas participativas que, embora distintas, se complementam e partilham um mesmo horizonte: criar com as crianças oportunidades reais de participação, expressão e produção de conhecimentos nos projetos educativos.

1

## Ludic Epistemic Threshold (LET)

O LET constitui uma arquitetura metodológica e epistemológica que articula jogo, participação e produção de conhecimento, promovendo situações de exploração, descoberta e criação de significados com as crianças (Brito et al., 2026).

2

## Desenhos-Convertidos

Os Desenhos-Convertidos articulam o desenho como produção simbólica e a conversa como espaço de interpretação, permitindo compreender o que as crianças pensam, sentem e imaginam (Brito, 2026).

3

## Photovoice

O Photovoice convida as crianças a fotografar e a escolher imagens significativas do seu quotidiano, favorecendo a expressão das suas perspetivas e o diálogo coletivo sobre o que consideram importante (Lam & Trott, 2022).



# Como nasceu o Património Vivo para a Infância



O Património Vivo para a Infância nasceu no âmbito da I Escola de Verão Luso-Brasileira sobre Cultura Material e Educação Patrimonial, realizada em julho de 2025, numa parceria entre a Universidade do Minho (Portugal) e a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Brasil). Reuniu investigadores das áreas da Infância, Arqueologia, História e Comunicação, articulando investigação, educação patrimonial e participação infantil.

O projeto foi desenvolvido com 34 crianças de escolas do concelho de Vila Verde, aproximando-as do património arqueológico do Teatro Romano de Braga através de experiências lúdicas, criativas e participativas.

16  
JUL

## Teatro Romano de Braga

Primeira aproximação ao património, à arqueologia e ao território, com uma visita orientada e atividades de exploração lúdica, despertando a curiosidade e o interesse das crianças pelo sítio arqueológico.





# Das experiências à partilha com a comunidade



18  
JUL

## Escola Básica de Cabanelas

Discussão sobre as moedas romanas, jogos lúdicos e caça ao tesouro, explorando os objetos, as suas histórias e os significados atribuídos pelas crianças.



24  
JUL

## Teatro Romano de Braga

Exploração guiada do sítio arqueológico, escavação e registos fotográficos feitos pelas próprias crianças, documentando o que consideraram mais importante.



25  
JUL

## Escola Básica de Cabanelas

Desenhos-Convertidos e interpretação coletiva das fotografias produzidas pelas crianças, explorando o que viram, imaginaram e sentiram.



29  
JUL

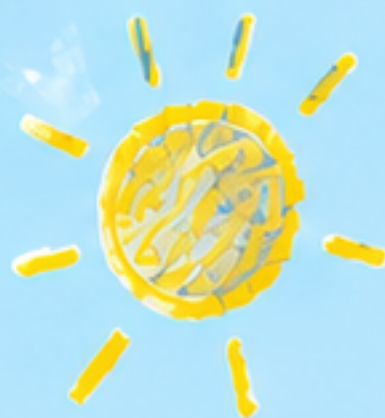
## Casa do Conhecimento de Vila Verde

Devolução à comunidade, com a apresentação das produções das crianças — fotografias, desenhos e comentários — envolvendo famílias, docentes, investigadores e a comunidade local.





# Ludic Epistemic Threshold (LET)



O Ludic Epistemic Threshold (LET) é uma abordagem que integra o brincar, a exploração sensorial e a curiosidade como formas legítimas de produção de conhecimento. Parte do princípio de que as crianças não são apenas recetoras de informação, mas também produtoras de significados sobre o património, a partir das suas experiências, perguntas e interpretações (Brito et al., 2026).

## Fundamentos



O LET inspira-se em perspetivas da infância como sujeito ativo (Corsaro, 2011), em teorias socioculturais da aprendizagem (Vygotsky, 1978) e nas culturas da infância (Sarmiento, 2004), reconhecendo o jogo, a curiosidade e a emoção como dimensões centrais na construção de conhecimentos sobre o passado e o presente.

## Princípios



- Escuta e participação ativa das crianças
- Valorização do jogo e da exploração sensorial
- Diálogo entre experiência, imaginação e conhecimento
- Reconhecimento das múltiplas formas de expressão infantil
- Relação significativa com o território e com os vestígios do passado







No âmbito do Património Vivo para a Infância, o LET esteve presente desde o primeiro contacto das crianças com o sítio arqueológico do Teatro Romano de Braga, através de atividades lúdicas, sensoriais e exploratórias que estimularam a observação, a descoberta e a formulação de perguntas.

As crianças percorreram o espaço, manipularam elementos do ambiente, observaram estruturas, imaginaram histórias e levantaram hipóteses sobre o que ali teria acontecido. Essas experiências revelaram como o jogo e a vivência no local potenciam a curiosidade, a atenção e o envolvimento afetivo com o património.



O LET mostrou que **o brincar é uma porta de entrada para a compreensão do mundo**, permitindo que as crianças estabeleçam ligações significativas entre o que veem, sentem, perguntam e imaginam sobre o passado (Brito et al., 2026).





# LET: possibilidades de operacionalização com crianças dos 3 aos 5 anos



O LET oferece um enquadramento flexível que pode ser adaptado a diferentes contextos educativos, incluindo a educação pré-escolar. A sua operacionalização com crianças dos 3 aos 5 anos valoriza o brincar, a exploração sensorial, a curiosidade e a expressão em múltiplas linguagens, reconhecendo-as como sujeitos ativos na construção de significados sobre o património.



## Questões para refletir



- 1 Como podemos criar tempo e espaço para o brincar livre e exploratório no contacto com o património?
- 2 De que formas podemos escutar e valorizar as perguntas, hipóteses e interpretações das crianças?
- 3 Que materiais, ambientes e experiências podem despertar a curiosidade e o envolvimento das crianças dos 3 aos 5 anos?
- 4 Como integrar as múltiplas linguagens infantis (desenho, jogo, fotografia, movimento, fala) no processo de investigação?
- 5 Que papel assumem os adultos para garantir uma participação genuína e significativa?
- 6 De que forma a experiência no local pode contribuir para o desenvolvimento da identidade, da sensibilidade e da relação das crianças com o passado, o presente e o futuro?







## Princípios da ação



### Partir do interesse das crianças

As experiências devem nascer da curiosidade, das perguntas e das ideias das crianças, valorizando o que já sabem e o que querem descobrir.



### Criar ambientes ricos e acolhedores

O espaço, os materiais e o tempo devem convidar à exploração, sensorial, ao jogo e ao diálogo, favorecendo o bem-estar e a participação de todas as crianças.



### Promover a escuta ativa e o diálogo

As opiniões, hipóteses e interpretações das crianças devem ser levadas a sério, registadas e integradas no processo de construção de conhecimento.



### Valorizar múltiplas linguagens de expressão

Desenhos, fotografias, gestos, jogos, histórias e conversas são formas legítimas de produzir e comunicar conhecimento sobre o património.



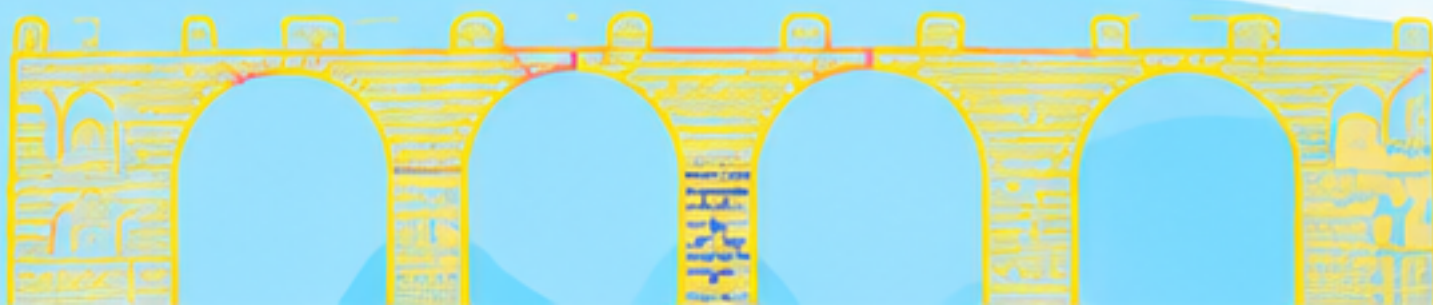
### Garantir a participação significativa

Todas as crianças podem participar, com respeito pelos seus ritmos, modos de comunicação e formas de estar, numa lógica de inclusão e equidade.



### Ligar o local ao mundo

As experiências com o património ajudam as crianças a construir relações entre o passado, o presente e o futuro, favorecendo o sentido de pertença, a empatia e o cuidado com o que as rodeia.







# Desenhos-Convertados: fundamentos e epistemologia

Os Desenhos-Convertados são uma metodologia participativa que reconhece o desenho como uma linguagem legítima das crianças, permitindo-lhes expressar o que pensam, sentem, observam e imaginam sobre o mundo que as rodeia, incluindo o patrimônio. Mais do que ilustrar, os desenhos são ponto de partida para conversas significativas, que valorizam a escuta, o diálogo e a construção coletiva de sentidos.



## Fundamentos



Os Desenhos-Convertados assentam na convicção de que as crianças são sujeitos ativos, competentes e produtores de cultura. Ao contrário do que ocorre no campo da psicologia, a análise dos desenhos fundamenta-se naquilo que as próprias crianças verbalizam sobre as suas produções visuais (Brito, 2026).

## Princípios

- Valorização das múltiplas linguagens das crianças
- Escuta ativa e diálogo horizontal
- Respeito pela intencionalidade e pelos significados das crianças
- Integração entre desenho, oralidade e experiência
- Reconhecimento da diversidade de perspectivas
- Promoção da reflexão e da interpretação coletiva









# Desenhos-Convertados: possibilidades de operacionalização com crianças dos 3 aos 5 anos

Os Desenhos-Convertados podem ser vivenciados em diferentes contextos educativos, de forma integrada às explorações do ambiente e às experiências das crianças, valorizando o desenho como ponto de partida para conversas significativas sobre o patrimônio, a partir do que elas observam, imaginam, sabem e sentem.



## Questões para refletir

- 1 Como posso usar o desenho como ponto de partida para escutar o que as crianças pensam e sentem sobre o patrimônio?
- 2 Que perguntas abertas posso fazer para estimular as crianças a falar sobre os seus desenhos?
- 3 Como posso valorizar as diferentes formas de representação (símbolos, cores, formas) presentes nos desenhos das crianças?
- 4 De que forma os Desenhos-Convertados podem apoiar a articulação entre a observação direta, a experiência vivida e a construção de significados?
- 5 Como posso documentar e utilizar os desenhos e as conversas para dar continuidade às investigações das crianças?
- 6 Que estratégias posso adotar para garantir que todas as crianças participem e se sintam seguras para partilhar os seus desenhos e ideias?





## Princípios da ação



### Escuta ativa e diálogo significativo

Valorizar o que as crianças dizem sobre os seus desenhos, fazendo perguntas abertas que ampliem a conversa.



### O desenho como ponto de partida

Utilizar o desenho como disparador para explorar ideias, memórias, hipóteses e emoções das crianças sobre o património.



### Valorização das múltiplas formas de expressão

Reconhecer e respeitar a diversidade de linguagens gráficas, simbólicas e narrativas presentes nos desenhos das crianças.



### Integração com a experiência no local

Articular os desenhos às vivências no terreno, promovendo a relação entre o que é observado, o que é imaginado e o que é conhecido.



### Documentação e continuidade

Registar e retornar os desenhos e as conversas, valorizando-os como parte do processo de investigação das crianças.



### Participação inclusiva

Criar um ambiente acolhedor e seguro, onde todas as crianças se sintam confortáveis para desenhar, conversar e partilhar os seus pontos de vista.





# Photovoice: produção de dados e discussão



O Photovoice é uma metodologia participativa que articula fotografia, diálogo e ação, permitindo que as crianças documentem as suas vivências, reflitam sobre o que é importante para elas e partilhem os seus pontos de vista com outras pessoas.

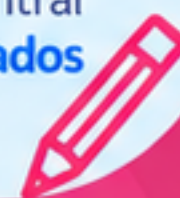
## Fundamentos



O Photovoice parte do princípio de que as **crianças são sujeitos competentes e participativos**, capazes de produzir conhecimento sobre as suas realidades através de imagens e conversas.

Ao contrário de abordagens “de cima para baixo”, que posicionam as crianças apenas como recetoras de informação, o Photovoice valoriza a sua perspetiva, promove a **reflexão crítica** e potencia a **expressão criativa e a ação** (Lam & Trott, 2022).

Através da fotografia, as crianças selecionam e registam aspetos do seu quotidiano que consideram importantes, sendo a discussão das imagens, individualmente ou em grupo, o momento central de **produção de dados e de construção coletiva de significados** (Lam & Trott, 2022).



## Princípios



- ✓ **Participação ativa** – As crianças escolhem o que fotografar e o que querem partilhar, assumindo um papel central em todo o processo.
- ✓ **Expressão e criatividade** – A fotografia é um meio acessível e atrativo para comunicar ideias, emoções e preocupações.
- ✓ **Diálogo significativo** – A discussão das imagens promove a escuta, o respeito por diferentes perspetivas e a construção coletiva de conhecimento.
- ✓ **Articulação entre experiência e conhecimento** – As fotografias ajudam as crianças a ligar as suas vivências a temas mais amplos, como o ambiente e o património (Lam & Trott, 2022).
- ✓ **Orientação para a ação** – O processo incentiva a reflexão sobre possíveis mudanças e formas de cuidar dos lugares e das pessoas (Lam & Trott, 2022).





“

O Photovoice pode ajudar a explorar como é que as crianças dão significado às alterações climáticas, ao mesmo tempo que se convida à sua reflexão crítica, à expressão baseadas nas artes e à ação (um processo “de baixo para cima”).

”

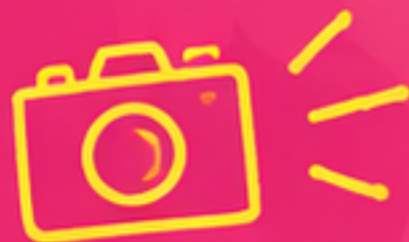
(Lam & Trott, 2022, p. 2)





# Photovoice:

## possibilidades de operacionalização com crianças dos 3 aos 5 anos



O Photovoice pode ser adaptado para a educação de infância, valorizando o olhar das crianças pequenas sobre os lugares, as pessoas, os objetos e as situações que fazem parte das suas vidas, com recurso a câmaras fotográficas digitais, tablets ou até a câmaras de brincar.



### Questões para refletir



- 1 Como posso introduzir a câmara fotográfica de forma lúdica e segura no quotidiano das crianças dos 3 aos 5 anos?
- 2 Que temas, lugares ou situações do seu dia a dia posso propor para fotografarem?
- 3 Como posso criar momentos de conversa em que as crianças partilham o que fotografaram e explicam porquê?
- 4 De que forma posso valorizar diferentes formas de expressão (verbal, gestual, dramática, gráfica) nas conversas sobre as fotografias?
- 5 Como posso garantir que todas as crianças têm oportunidade de fotografar, escolher e partilhar as suas imagens?
- 6 Como posso envolver as famílias e a comunidade, partilhando as fotografias e as perspetivas das crianças?





## Princípios da ação



### Escuta e diálogo

Dar tempo para que as crianças escolham o que fotografar e conversem sobre as suas imagens, valorizando o que dizem, fazem e sentem.



### Exploração lúdica e significativa

Integrar a fotografia em contextos reais e do quotidiano das crianças, relacionando-a com os seus interesses, experiências e curiosidades.



### Participação de todas as crianças

Garantir que todas têm oportunidade de fotografar, escolher e partilhar as suas imagens, com suporte ajustado às suas idades e necessidades.



### Diversidade de linguagens

Articular a fotografia com outras formas de expressão, como a conversa, o desenho, o dramatismo e a construção, permitindo múltiplas formas de comunicar significados.



### Documentação e visibilidade

Registar e valorizar as fotografias e as conversas das crianças, tornando visíveis as suas perspetivas e partilhando-as com as famílias e a comunidade educativa.



### Da reflexão à ação

Utilizar as fotografias para refletir sobre os lugares e as pessoas que importam às crianças e pensar, em conjunto, pequenas ações para cuidar desses contextos.





# Como escolher e articular as ferramentas?



A escolha e a articulação das ferramentas deve partir dos objetivos do projeto, do contexto educativo e das características do grupo de crianças. É importante considerar que cada ferramenta tem potencialidades específicas e que, quando combinadas, podem criar percursos ricos de escuta, expressão e participação das crianças.



## Passos a considerar

1

### Definir os objetivos

Clarificar o que se pretende conhecer, compreender ou transformar com as crianças, considerando as suas perguntas, interesses e experiências.

2

### Conhecer o contexto e o grupo

Considerar o tempo disponível, os espaços, os recursos e as características das crianças (idades, rotinas, formas de comunicação e expressão).

3

### Selecionar a(s) ferramenta(s)

Escolher a ferramenta mais adequada aos objetivos e ao contexto, ou articular duas ou mais, valorizando as suas complementaridades (por exemplo, fotografar, desenhar e conversar).

4

### Planear de forma flexível

Organizar propostas abertas, que possam ser ajustadas a partir das respostas e dos interesses das crianças, respeitando os seus ritmos.

5

### Articular momentos individuais e coletivos

Equilibrar o tempo para a produção (fotografar, desenhar, observar, registar) com momentos de partilha e discussão em pequeno e grande grupo.

6

### Valorizar a continuidade

Sempre que possível, desenvolver um processo ao longo do tempo, permitindo aprofundar as temáticas e construir significados de forma mais rica e conectada.



## Combinações possíveis

### LET + Desenhos-Convertidos

Observar as experiências no contexto e aprofundar as reflexões através do desenho e da conversa.

### LET + Photovoice

Explorar o contexto e registar com fotografia os lugares, objetos e situações que fazem sentido para as crianças.

### Desenhos-Convertidos + Photovoice

Utilizar o desenho e a fotografia como linguagens complementares para ampliar as formas de expressão e o diálogo.





# Ética e documentação

O trabalho com crianças, utilizando ferramentas visuais e participativas, exige uma atenção ética contínua e uma documentação sensível, transparente e rigorosa. Mais do que procedimentos formais, trata-se de um compromisso com o respeito, a proteção e a valorização das vozes das crianças em todo o processo.

## Princípios éticos

### Assentimento informado contínuo

Explicar o projeto de forma clara e adequada à idade das crianças, assegurando que a sua participação é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento.

### Respeito pela privacidade e pela imagem

Cuidar na captação, utilização e divulgação de fotografias e desenhos, evitando a identificação das crianças e de outras pessoas, quando necessário.

### Segurança e bem-estar

Garantir que as atividades são realizadas em ambientes seguros, acolhedores e emocionalmente confortáveis.

### Reflexividade

Manter uma postura crítica sobre o próprio papel enquanto adulto/a, reconhecendo os jogos de poder que podem surgir na relação com as crianças e procurando criar espaços mais horizontais e justos.

## Polifonia e inclusão de vozes

### Escuta plural

Valorizar a diversidade de perspectivas, emoções e experiências das crianças, garantindo que todas têm oportunidade de se expressar.

### Múltiplas formas de expressão

Reconhecer e legitimar diferentes linguagens (fotografia, desenho, fala, gestos, brincadeiras), respeitando os variados modos de comunicar e fazer sentido do mundo.

### Mediação sensível

Facilitar as discussões de forma a que todas as vozes sejam ouvidas, evitando que algumas crianças dominem a conversa e outras fiquem silenciadas.

## Documentação do processo

### Registo sistemático

Documentar não só os produtos finais (fotografias e desenhos), mas também as conversas, os contextos, as decisões e as transformações ao longo do processo.

### Transparência

Manter um registo claro dos procedimentos, permitindo que outras pessoas compreendam como o trabalho foi desenvolvido.

### Devolução e partilha

Encontrar formas de devolver às crianças os resultados, valorizando a sua participação e reconhecendo o seu contributo para o conhecimento produzido.



# Para refletir



Este livro apresentou três ferramentas participativas — Desenhos-Convertados, Ludic-Epistemic Threshold (LET) e Photovoice — e mostrou como podem ser articuladas para promover investigações e projetos educativos com crianças dos 3 aos 5 anos. Mais do que técnicas, estas ferramentas são convites à escuta, à criação, ao diálogo e à construção conjunta de significados.

Ao finalizar, deixamos algumas ideias para continuar a pensar, a questionar e a desenvolver práticas educativas e investigativas mais sensíveis, éticas e participativas com as crianças.



## Escutar com tempo e presença

As crianças comunicam de muitas formas. Escutar com atenção, tempo e disponibilidade permite que as suas vozes, ideias e sentimentos se expressem de maneira mais rica e autêntica.



## Valorizar a multiplicidade de linguagens

Os desenhos, fotografias, gestos, brincadeiras e falas são formas legítimas de produzir conhecimento. Combinar diferentes linguagens amplia as possibilidades de expressão e inclusão de todas as crianças.



## Promover a polifonia

Garantir que todas as crianças sejam ouvidas, respeitando a diversidade de perspectivas, ritmos e formas de participação, evitando que algumas vozes dominem a conversa.



## Refletir sobre o nosso papel

É importante reconhecer os jogos de poder que podem surgir entre adultos e crianças. A reflexividade ajuda-nos a questionar as nossas decisões, posturas e interpretações ao longo do processo.



## Articular ferramentas de forma intencional

Cada ferramenta tem potencialidades específicas. Ao combiná-las, é possível criar percursos mais ricos, adequados aos objetivos, ao contexto e às características do grupo de crianças.



## Criar contextos significativos

As ferramenta participativas ganham sentido quando estão integradas em projetos e experiências reais da vida das crianças, conectando-se com os seus interesses, curiosidades e territórios.





# Referências



- Brito, D. (2026). Culturas infantis e práticas artísticas: Crianças enquanto autoras sociais, críticas e competentes. *Sociedad e Infancias*, 10(1), 135–150.
- Brito, D., Magalhães, F., Campos, C. E. da C., & Andrade, J. G. (2026). *The ludic epistemic threshold (LET) in childhood: Play, participation, and knowledge production*. In *Innovative research methods in childhood studies: Participation, creativity and reflexivity*. IGI Global Scientific Publishing.
- Corsaro, W. A. (2005). Collective action and agency in young children's peer cultures. In J. Qvortrup (Ed.), *Studies in modern childhood: Society, agency, culture* (pp. 231–247). Palgrave Macmillan.
- Corsaro, W. A. (2011). *Sociologia da infância*. Artmed.
- Hardman, C. (2001). Can there be an anthropology of children? *Childhood*, 8(4), 501–517.
- James, A.; Prout, A. (1997). *Constructing and reconstructing childhood: contemporary issues in the Sociological study of childhood*. RoutledgeFalmer.
- Lam, S., & Trott, C. D. (2022). Children's climate change meaning-making through photovoice: Empowering children to learn, care, and act through participatory process. *Educação, Sociedade & Culturas*, 62, 1–25.
- Oliveira-Formosinho, J., & Formosinho, J. (2013). A perspectiva educativa da Associação Criança: A Pedagogia-em-Participação. In J. Oliveira-Formosinho (Org.). *Modelos curriculares para a educação de infância: Construindo uma práxis de participação* (4.<sup>a</sup> ed., pp. 25–60). Porto Editora.
- Sarmiento, M. J. (2004). As culturas da infância nas encruzilhadas da 2.<sup>a</sup> modernidade. In M. J. Sarmiento & A. B. Cerisara (Orgs.), *Crianças e miúdos: Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação* (pp. 9–34). Edições ASA.
- Vygotsky, L. S. (1978). *Mind in society: The development of higher psychological processes* (M. Cole, V. John-Steiner, S. Scribner, & E. Souberman, Eds.). Harvard University Press.





